

## A poesia de António Jacinto

Rosely Zenker Barbosa Lopes<sup>1</sup>

RESUMO: Esta comunicação tem por objetivo realizar uma leitura crítica da obra *Poemas* (1961) de António Jacinto, poeta angolano, tendo como referência a visão de Frantz Fanon sobre a violência, especialmente, em seu livro intitulado *Os condenados da terra* (1961). A tensão social revelada nos versos e nas palavras de Jacinto em *Poemas* pode ser reconhecida a partir das análises dos livros de Fanon, na medida em que ele trata de forma contundente a estrutura política, econômica e social do colonialismo europeu em África.

ABSTRACT: This paper aims to accomplish a critical reading of the work *Poems* (1961), by the Angolan poet António Jacinto, based on Franz Fanon's point of view on violence, especially in his book *The wretched of the earth* (1961). It is possible to recognize the social tension revealed on Jacinto's verses and words in the light of Fanon's work as he treats, in a sharp way, the social, economic, and political structure of the European colonialism in Africa.

PALAVRAS-CHAVE: António Jacinto, Frantz Fanon, literatura angolana.

KEYWORDS: António Jacinto, Frantz Fanon, Angolan literature.

### Os passos de um intelectual engajado

Não haverá movimento ou surto literário, iniciativa de carácter político de vulto em Angola, desde que lá de longe a idéia de libertação começou a germinar, onde este homem não tivesse intervindo.  
Manuel Ferreira

António Jacinto do Amaral Martins nasceu em Golungo Alto, Angola, em 1924. Publicou seu primeiro livro em 1961, *Poemas* (objeto de estudo do presente projeto). Fez parte do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola, quando participou da *Revista Mensagem* como poeta e contista. Foi preso em 1961 pela Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE), saindo do campo de concentração de Tarrafal, em Cabo Verde, apenas em 1972. Após a independência de Angola, em 1975, foi Ministro da Educação e da Cultura, entre outros cargos de destaque no governo. Foi também membro fundador da União dos Escritores de Angola. Faleceu em 1991.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, FFLCH-USP. **Pesquisa:** *Poéticas da violência em situação de colonização: Leitura crítica de António Jacinto e José Craveirinha*. **E-mail:** roselyzenker@hotmail.com

António Jacinto pertenceu a uma geração de intelectuais, chamada Geração de 50, que buscava a afirmação dos valores nacionais; o reconhecimento de culturas até então discriminadas e ignoradas pela colonização; a independência do país; e influenciou as gerações consecutivas e destacou-se tanto como poeta, como homem público, recebendo várias homenagens e prêmios nacionais e internacionais.

Carlos Ervedosa nos resalta características dos poetas desta época:

Os seus poemas trazem o aroma variado e estonteante da selva, os coloridos dos poentes africanos, o sabor agridoce dos seus frutos e a musicalidade nostálgica da marimba. Mas vêm também palpitações de vida, com o cheiro verdadeiro dos homens que trabalham, o gosto salgado das suas lágrimas de desespero e a certeza inabalável na madrugada que sempre raia para anunciar o novo dia (ERVEDOSA, 1979, p. 107).

A Geração de 50 promoveu um verdadeiro movimento cultural e literário, com variadas repercussões, e evidenciou a necessidade de se criar uma arte de raízes nacionais, longe do exotismo colonial até então dominante nas criações artísticas consideradas artificiais e sem ligação com a realidade latente. Como nos elucidava Rita Chaves (1999, p. 46): "Ao evitar os procedimentos que conduziriam ao exótico e/ou ao pitoresco, os poetas optam pela aproximação com a terra e a cultura angolanas numa relação produtiva que afasta a clichéização". Esta geração organizou um movimento que tinha como objetivo "estudar a terra que lhes fora berço, a terra que eles tanto amavam e tão mal conheciam", como nos fala Carlos Ervedosa (1979, p. 101), provocando manifestações literárias que buscassem valorizar as culturas locais, as aspirações de libertação nacional, a luta de combate pelo povo.

António Jacinto não se poupou para se dedicar em vida e em obra em prol de sua comunidade, de seu país.

### **Humanizar, libertar**

Uma vez que ninguém pode sem crime espoliar seu semelhante, escravizá-lo ou matá-lo, eles dão por assente que o colonizado não é semelhante ao homem.  
Jean-Paul Sartre, em prefácio de *Os condenados da terra*

Frantz Fanon, em seu livro *Os condenados da terra*, lança-nos suas idéias sobre o colonialismo europeu em África, tendo em vista sua vivência em Argélia como clínico-

chefe do hospital psiquiátrico de Blidá-Joinville, bem como atuação política após sua deportação deste país em 1955. O livro é escrito em 1961, data também de sua morte por leucemia. Aos 36 anos, Fanon parte da vida deixando-nos um testemunho denunciador da violência e destruição, não somente proferidas pelos colonizadores, mas também por eles entranhadas nas sociedades africanas.

O livro nos descreve como o colonizador se apropriou de terras nos territórios de África, estabeleceu uma relação social de castas, definidas por raça. Para se colocar no topo da superioridade racial, e portanto, sócio-econômica, articulou uma despersonalização do negro e do árabe, através de imposição armada e violenta. Estabeleceu um verdadeiro processo de 'coisificação' daqueles que não tinham a cor de pele branca.

O colonizado, sentindo-se minoria enquanto maioria estatística, foi relegado à pobreza e à escassez. Sentiu a injustiça e a crueldade de perto: o colonizador tomado de uma espécie de aval para roubar e matar nunca se vê obrigado a justificar seus atos ou pagar por eles, enquanto colonizados vêem-se privados de direitos, dignidade e respeito. Mas não de desejos: "não há um colonizado que não sonhe pelo menos uma vez por dia em se instalar no lugar do colono" (1961, p. 29). Institui-se, portanto, um maniqueísmo social: o colonizado representa para o europeu um "mal absoluto" (1961, p. 31), desprovido de ética, valores, humanidade.

Oprimido e desvalorizado, o colonizado é alimentado de sentimentos de ódio, inveja, e por que não esperança de que a situação pode se reverter. Contudo, os povos oprimidos não se deixam descaracterizar, sentindo sim as conseqüências inevitáveis de tal assédio, mas desenvolvendo um processo de tomada de consciência para arquitetar a defesa.

É justamente aí que podemos reconhecer os poemas de Jacinto, que denuncia a injustiça social vigente, criando empatia com os oprimidos e acendendo o sonho da libertação. Movimento, aliás, condizente com seu tempo e com intelectuais contemporâneos, que estabeleceram como propostas, entre muitas outras, a resistência ao sistema dominante e vigente e a valorização da cor local, evidenciando, por exemplo, a oralidade.

É importante salientar que Jacinto escreveu o livro *Poemas* em época de ditadura Salazarista, em que havia grande repressão, com inclusive censura atuante.

Este apanhado de poemas diz muito sobre a estrutura social vivida em Angola dos anos 50. Sociedade que apresenta uma fachada de prosperidade baseada na dedicação e no

trabalho duro e honesto. Mas há o musseque, há o contrato<sup>2</sup>, há a exploração, há a exclusão e imobilidade social e outros fatores que explicam o porquê das possibilidades dos brancos e impossibilidades dos negros. Uma violência não declarada e não assumida pela metrópole dita as regras das vias de ascensão do colono. Jacinto, para abordar o tema da violência, explora a linguagem poética, recorrendo à metáfora, à ironia, à onomatopéia, às alusões, a pistas em seus poemas que acabam por denunciar violência e tensão social latentes.

Há de se notar que em Jacinto se percebe a leveza de linguagem, evidenciando o falar popular e a marca da oralidade. Como nos explica Alfredo Margarido (1980, p. 291), Jacinto "submete o poema ao ritmo, dando assim à música o importante papel que lhe cabe nas sociedades negras. Neste caso a palavra do poema, sendo embora inicialmente portuguesa, africaniza-se, angolaniza-se, graças ao ritmo".

Buscar as palavras existentes para reinventá-las através da fonética, da sintaxe e da semântica, alcançando assim a originalidade do falar popular que identifica o povo angolano em questão, diferenciando-os do tradicionalismo lusitano, é, pois, um recurso poderoso do poeta que evidencia sua gente e sua terra. Por vezes, recorre-se ao quimbundo, língua de um dos povos de Angola, para não somente ressaltar o conteúdo apresentado, como também registrar as manifestações lingüísticas de sua localidade.

Para recalcar a violência e postular-se contra o discurso dominante da metrópole, busca na simplicidade e no cotidiano o retrato das injustiças que presencia, carregando para a literatura personagens populares, marginalizados, massas trabalhadoras.

No poema "Monangamba", por exemplo, há o recorte de um espaço rural, cujo destaque é dado ao eu-lírico que, vendo-se em situação de exploração, questiona seu posicionamento em uma sociedade que se move para atender unicamente as necessidades de seu opressor. Os primeiros versos identificam o homem ao seu produto de trabalho:

Naquela roça grande tem café maduro  
E aquele vermelho-cereja  
São gotas do meu sangue feitas seiva.  
O café vai ser torrado,

---

<sup>2</sup> Entende-se por contrato, neste contexto, como "uma forma de exploração da força de trabalho angolana, que obriga os homens e as mulheres a abandonar o refúgio das aldeias, as formas de vida que eram as suas, para trabalharem em plantações ou nas indústrias dos brancos (...). Não admira, por isso, que o contrato seja descrito como uma forma mal disfarçada de trabalho forçado, tanto mais evidente quanto se sabe que a maioria dos proprietários angolanos procurou estar sempre aquém das normas administrativas, pagando pouco, muitas vezes ou quase sempre nada, alimentando mal e alojando pessimamente os trabalhadores" (MARGARIDO, 1980, p. 363).

Pisado, torturado,  
Vai ficar negro, negro da cor do contratado  
Negro da cor do contratado!

A tomada de consciência se ressalta através de orações interrogativas durante o poema, cujo pronome “quem” repete-se de tal maneira enfática que pode ser interpretado como um desafio (“Quem se levanta cedo? quem vai à tonga?”). Desafia-se a negar uma sociedade colonial que estipula a violência como mola propulsora de dinâmica social. Percebemos, pois, a atitude de ironia perante as questões: quem mais, senão o colonizador, para estabelecer tais relações? Até mesmo as aves, os regatos, o vento são capazes de responder: “Monangambééé...”.

Opõem-se o que cabe ao trabalhador e o que recebe o patrão: ao primeiro lhe restam desdém, fubá podre, peixe podre, panos ruins; ao segundo, dinheiro, máquinas, carros, senhoras, prosperidade. O que se distingue neste apanhado de coisas não é somente a diferença de bens materiais, notadamente o poder aquisitivo do patrão e a miséria do trabalhador, mas também os elementos humilhação/sentimento de superioridade.

Para Margarido, este poema é:

(...) o exame das essências do contrato e, também, a soma das alienações parciais que acabam por lhe desenvolver a consciência da sua miséria (...). O poema de António Jacinto pretende, naturalmente, ultrapassar o plano do descritivo, embora aprofundado, e apresenta-se como um trabalho de encorajamento, de educação, que o incita a desafiar as leis que o reduzem a uma servidão (MARGARIDO, 1980, p. 279).

Se Fanon por um lado alerta que “o colonialismo não fez senão despersonalizar o colonizado” (1961, p. 254), por outro Jacinto deflagra o senso crítico, a resistência, a identificação lírica com a natureza, a capacidade de resiliência. Através da oralidade, o poema dá voz ao oprimido, para expressar o não-conformismo diante as injustiças sociais.

Para apontar as denúncias, é preciso desentranhar a poesia, confrontá-la com seu contexto histórico, encontrar ressonância com a situação de colonização de outros países de África. Optar por uma leitura crítica de Jacinto sob a contribuição de Frantz Fanon é aprofundar o entendimento, portanto, de seus versos, de suas palavras, de seu verbo. Porque Fanon explicitou com maestria o corpo do sistema colonialista, analisando a violência em situação de colonização européia em África.

Sem dúvida, estes dois autores observam o fenômeno da violência sob o mesmo olhar: o do oprimido, não omitindo o sofrimento causado pela colonização e tampouco disfarçando a injustiça pronunciada pelas conquistas dos impérios europeus.

### Referências bibliográficas

- ANDRADE, Fernando da Costa, *Literatura angolana (opiniões)*, Edições 70, 1980.
- CHAVES, Rita. *A formação do romance angolano, entre intenções e gestos*. São Paulo: FBLP; Via Atlântica, 1999.
- EVERDOSA, Carlos. *Roteiro da literatura angolana*. Lisboa. Edições 70. 2ª Edição. 1979.
- FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979
- HAMILTON, Russel G. *Literatura africana, literatura necessária. I-Angola*. Tradução do autor. Lisboa, edições 70, 1981.
- JACINTO, António. *Poemas*. Luanda: Edições Maianga, 2004.
- LARANJEIRA, Pires, *A Negritude Africana de Língua Portuguesa*, Porto, Afrontamento, 1995.
- LARANJEIRA, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
- LEITE, Ana Mafalda, *Oralidades e Escritas nas Literaturas Africanas*, Lisboa, Colibri, 1998.
- MACÊDO, Tania Celestino de. *Angola e Brasil: estudos comparados*. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.
- MACÊDO, Tania Celestino de. “A representação literária de Luanda - uma ponte entre Angola, Brasil e Portugal”. In *Via Atlântica* nº 01. São Paulo; Bartira, 1997.
- MARGARIDO, Alfredo. *Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa. A Regra do Jogo*, 1980.
- MARGARIDO, Alfredo, *A Lusofonia e os Lusófonos: Novos Mitos Portugueses*, Lisboa, Edições Lusófonas, 2000.
- MATA, Inocência, *Literatura Angola: Silêncios e Falas de uma Voz Inquieta*, Luanda, Kilombelombe, 2001.
- MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. *A Sociedade angolana através da literatura*. São Paulo, Ática, 1978.
- MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. *Contistas africanos*. Lisboa, Casa dos Estudantes do Império, 1960.
- ROCHA, Jofre. *Intervenções sobre literatura artes e cultura*. Luanda, Kilombelombe, 2004.
- SANTILLI, Maria Aparecida. *Africanidade – contornos literários*. São Paulo, Ática, 1985.
- SEPULVEDA, Maria do Carmo & SALGADO, Maria Teresa. *África e Brasil: Letras em laços*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2000.